

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES UTILIZADAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Danubia Marcelina Candido Guinzelli¹, Andriele Fernanda Becker², Carine Vendruscolo³

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem- CEO bolsista PROBITI/UDESC

² Acadêmico do Curso de Enfermagem – CEO

³ Orientador, Departamento de Enfermagem CEO
endereço de e-mail: carine.vendrusculo@udesc.br

Palavras-chave: Práticas Integrativas e Complementares. Atenção Primária à Saúde. Enfermagem.

Objetivo: identificar as Práticas Integrativas e Complementares (PIC) mais presentes no dia-a-dia das Unidades Básicas de Saúde (UBS) dos municípios de Chapecó e Palmitos e sua efetividade.

Metodologia: pesquisa qualitativa realizada no primeiro semestre do ano de 2018, com enfermeiros que atuam nas UBS destes dois municípios do oeste Catarinense. Entrevistas foram realizadas com 10 enfermeiras, que atuam na Atenção Primária à Saúde (APS) por um período maior que seis meses. O estudo faz parte da pesquisa “Cuidado e Gestão em Enfermagem como Saberes na Rede de Atenção à Saúde: proposições para as melhores práticas”, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) em parceria com a Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Santa Catarina (ABEn/SC) e foi aprovada pelo comitê de Ética da instituição proponente.

Resultado/Discussões: as Práticas Integrativas e Complementares são ferramentas terapêuticas que utilizam de meios naturais para o tratamento, prevenção e promoção da saúde, atendendo o indivíduo de forma mais totalitária, não apenas buscando tratar sua patologia, mas sim entender o corpo de forma geral e integrada. Estas Práticas permanecem na saúde desde o século XIX, e é conhecida pela Organização Mundial da Saúde como medicina tradicional e medicina complementar/alternativa. As entrevistas demonstram que 90% dos profissionais acreditam que o uso destas práticas auxilia no tratamento dos usuários, principalmente em pacientes da saúde mental. Entre as ferramentas integrativas que já foram utilizadas nestas unidades, 40% dos profissionais citam a acupuntura, 40% a auriculoterapia e 30% o reike, e ainda foram identificados alguns outros métodos de medicina alternativa como a hipnose clínica, meditação, medicina germânica e a yoga. Em 10% das UBS foi identificada a associação de duas práticas, como por exemplo, auriculoterapia e acupuntura e em 30% das UBS já esteve disponível três ou mais terapias, como auriculoterapia, acupuntura e reike, associadas. O uso das PIC na APS tem seu início com a consolidação da Política Nacional de Práticas Integrativas e complementares, a PNPI, em 2006. Amparando as mais diversas práticas, como a homeopatia, crenoterapia, plantas medicinais, fitoterapia, acupuntura, reike, e várias outras ferramentas terapêuticas. O uso dessas Práticas na assistência aos pacientes na UBS pode auxiliar a diminuir o uso de medicamentos e vai contra ao modelo biomédico, em que a assistência acontece de modo mecanicista, assistindo o usuário como um conjunto de partes que adoeçem, deixando de lado a integralidade do cuidar. Quando inserida no SUS, as PIC proporcionam ao usuário novas alternativas de cuidado, inovadoras e de qualidade, além de estimular o autocuidado, tornando o paciente protagonista do seu próprio tratamento. Ainda, exige do profissional, atender de forma humanizada, praticando a escuta acolhedora e principalmente criando o vínculo terapêutico profissional-paciente. Conta com

a reinserção do paciente na sociedade, envolve a família no tratamento e prática o cuidado holístico. Os dados desta pesquisa mostram que o paciente tem a opção de procurar a unidade e escolher uma nova forma de tratamento, para fugir da medicação, ou até mesmo usar paralelo aos medicamentos. Isso pode contribuir para diminuir também a frequência que este usuário busca a unidade, ou até mesmo aumentar sua participação em atendimentos em grupos, como por exemplo, grupos de yoga, presentes em algumas das UBS pesquisadas.